

---

## Parte Um

---

### 1

Encontrei Dean pela primeira vez não muito depois que minha mulher e eu nos separamos. Eu tinha acabado de me livrar de uma doença séria da qual nem vale a pena falar, a não ser que teve algo a ver com a separação terrivelmente desgastante e com a minha sensação de que tudo estava morto. Com a vinda de Dean Moriarty começa a parte da minha vida que se pode chamar de vida na estrada. Antes disso eu tinha sonhado muitas vezes em ir para o Oeste conhecer o país, mas não passavam de planos vagos e eu nunca dava a partida. Dean é o cara perfeito para a estrada simplesmente porque nasceu na estrada quando seus pais estavam passando por Salt Lake City em 1926, a caminho de Los Angeles, num calhambeque caindo aos pedaços. As primeiras notícias sobre ele chegaram através de Chad King, que havia me mostrado algumas cartas que ele escrevera num reformatório do Novo México. Fiquei ligadíssimo nas cartas por causa do jeito ingênuo e singelo com que elas pediam a Chad para lhe ensinar tudo sobre Nietzsche e todas aquelas maravilhas intelectuais que Chad conhecia. Certa vez Carlo e eu falamos a respeito das cartas e nos perguntamos se algum dia iríamos conhecer o estranho Dean Moriarty. Tudo isso foi há muito tempo, quando Dean não era do jeito que ele é hoje, quando era um delinqüente juvenil envolto em mistério. Então chegaram as notícias de que Dean havia se mandado do reformatório e estava vindo para Nova York pela primeira vez; falava-se também que ele tinha acabado de casar com uma garota chamada Marylou.

Um dia eu vagabundeava pelo *campus* quando Chad e Tim Gray me disseram que Dean estava hospedado numa

daquelas espeluncas sem água quente no East Harlem, o Harlem espanhol. Tinha chegado na noite anterior, pela primeira vez em Nova York, com sua gostosa gata linda Marylou; eles saltaram do ônibus Greyhound na rua 50, dobraram a esquina procurando um lugar onde comer e deram de cara com a Hector's, e a partir de então a cafeteria Hector's se transformou para sempre num grande símbolo de Nova York para Dean. Eles gastaram dinheiro em belos bolos enormes com glacê e bombas de creme.

O tempo inteiro Dean estava dizendo para Marylou coisas do tipo: “Então, garota, cá estamos nós em Nova York, e embora eu não tenha te contado tudo que estava passando pela minha cabeça quando a gente atravessou o Missouri, especialmente na hora em que passamos pelo reformatório de Booneville, que me lembrou do meu problema na prisão, é absolutamente imprescindível dar um tempo em todos os detalhes pendentes do nosso caso e, de uma vez por todas, começar a pensar em planos específicos para nossa vida profissional...”. E assim por diante, do jeito que ele falava naquele tempo.

Fui à tal espelunca sem água quente com a rapaziada e Dean abriu a porta de cueca. Marylou estava saltando do sofá, Dean tinha expulsado o inquilino do apartamento para a cozinha, provavelmente para que fizesse café, enquanto ele dava prosseguimento às questões amorosas, já que, para ele, sexo era a primeira e única coisa sagrada e realmente importante na vida, ainda que ele tivesse que suar e blasfemar para ganhar o pão e assim por diante. Dava para perceber isso pela maneira como ele parava curvando a cabeça, sempre olhando para baixo, assentindo como um boxeador novato ao receber instruções, fazendo você pensar que ele estava escutando cada palavra, cuspidando milhões de “sins” e “claros” o tempo inteiro. A primeira impressão que tive de Dean foi a de um Gene Autry mais moço – esperto, esguio, olhos azuis, com um genuíno sotaque de Oklahoma –, um herói de suíças do Oeste nevado. Na verdade ele tinha tra-

balhado num rancho, o de Ed Wall, no Colorado, antes de casar com Marylou e vir para o Leste. Marylou era uma loira linda, com enormes cachos de cabelos derramando-se num mar de ondas douradas. E ela ficava ali sentada, na beira do sofá, com as mãos pousadas no colo e os olhos caipiras azuis-esfumaçados fixos numa expressão assustada porque estava num pardieiro cinzento e maligno de Nova York do tipo que tinha ouvido falar lá no Oeste, e ela ficava ali pregada, longilínea e magricela como uma daquelas mulheres surrealistas das pinturas de Modigliani num quarto sem graça. Embora fosse uma gatinha, ela era terrivelmente estúpida e capaz de coisas horríveis. Aquela noite todos nós bebemos cerveja, jogamos queda-de-braço e conversamos até o amanhecer e, de manhã, enquanto fumávamos em silêncio baganas dos cinzeiros na luz opaca de um dia sombrio, Dean levantou-se nervosamente, andou em círculos, pensativo, e decidiu que a melhor coisa a fazer era mandar Marylou preparar o café e varrer o chão: “Em outras palavras, garota, o que estou dizendo é: temos mais é que entrar na dança rapidinho, do contrário, a gente fica aí numa flutuante, sem cair na real. e nossos planos jamais se cristalizarão”. Aí, eu caí fora.

Durante a semana seguinte Dean tentou persuadir Chad King, insistindo para que ele o ensinasse a escrever de qualquer jeito. Chad disse que eu era escritor e que ele deveria me procurar se quisesse algum conselho. Neste meio tempo, já havia descolado um emprego num estacionamento, brigou com Marylou num apartamento em Hoboken – só Deus sabe por que eles foram parar lá – e ela ficou tão furiosa e tão profundamente vingativa que o denunciou à polícia inventando uma acusação completamente falsa, confusa e histérica – e Dean teve que se mandar de Hoboken. Portanto, já não tinha onde morar. Veio direto a Paterson, Nova Jersey, onde eu estava morando com minha tia, e certa noite, enquanto eu estudava, houve uma batida na porta, e lá estava Dean, curvando-se cerimoniosamente, balançando a cabeça

na escuridão do *hall* e dizendo: “O-lá! Tá lembrado de mim – Dean Moriarty? Vim pedir que você me ensine a escrever”.

“E onde anda Marylou?”, perguntei, e Dean disse que ela aparentemente tinha batalhado um punhado de dólares e voltado para Denver – “a piranha!”. E então saímos para tomar umas cervejas, já que não poderíamos conversar como queríamos na frente de minha tia, que estava sentada na sala lendo seu jornal. Ela deu uma só olhada para Dean e concluiu que ele era doido.

No bar eu disse para Dean: “Porra, cara, sei muito bem que você não me procurou só porque tá a fim de virar escritor e, afinal de contas, o que é que eu teria a te dizer a não ser que você tem que pegar essa onda com a mesma fissura com que um viciado se droga?”. E ele disse: “Sim, é claro, entendo exatamente o que você quer dizer e também já tinha pensado nesses problemas, mas o caso é que eu almejo a realização de todos esses fatores que parecem depender da dicotomia de Schopenhauer para qualquer concretização íntima...”. E assim por diante, coisas que não entendi e ele ainda menos. Naqueles dias ele realmente não sabia o que estava falando; para dizer a verdade, era apenas um jovem marginal deslumbrado com a maravilhosa possibilidade de se tornar um verdadeiro intelectual, e gostava de falar com sonoridade, usando, de modo confuso, as palavras que ouvira da boca de “verdadeiros intelectuais”; mas ele não era tão ingênuo assim no resto todo, sabe como é? E só precisou de alguns meses com Carlo Marx para ficar completamente *por dentro* de toda a gíria. De qualquer forma, nos entendíamos noutros níveis de loucura e concordei que ele ficasse na minha casa até arranjar um emprego e, além do mais, combinamos que algum dia iríamos juntos para o Oeste. Era o inverno de 1947.

Certa noite, quando Dean jantava na minha casa – já estava trabalhando num estacionamento em Nova York –, ele se debruçou sobre meus ombros enquanto eu datilografava loucamente e disse: “Vamos lá, cara, as garotas não vão esperar. Vamos, rápido”.

Eu disse: “Espera um pouco, a gente cai fora assim que eu terminar este capítulo”, e foi um dos melhores capítulos do livro. Então me vesti e nos mandamos direto para Nova York para encontrar umas garotas. Enquanto rodávamos de ônibus pelo insólito vazio fosforescente do túnel Lincoln, íamos recostados um no outro, gritando e gesticulando e falando com enorme excitação, e comecei a ficar contagiado pela doideira de Dean. Ele era apenas um garotão tremendamente apaixonado pela vida e, mesmo sendo um vigarista, só trapaceava porque tinha uma vontade enorme de viver e se envolver com pessoas que, de outra forma, não lhe dariam a mínima atenção. Ele estava me enrolando e eu sabia (casa, comida, roupa lavada, “como escrever” etc.), e ele sabia que eu sabia (essa, na verdade, seria a base do nosso relacionamento), mas eu não me importava e seguíamos juntos numa boa – sem frescuras, sem aporrinhações, andávamos saltitantes um em volta do outro, como novos amigos apaixonados. Comecei a aprender com ele tanto quanto ele provavelmente aprendeu comigo. Quanto ao meu trabalho, ele dizia: “Vá em frente que tudo que você faz é bom demais”. Enquanto eu redigia minhas histórias, ele observava por cima dos meus ombros e berrava: “Sim! É isso aí! Uau! Cara!” e “Fiuuu!” e passava o lenço no rosto. “Uau, cara, tanta coisa pra fazer, tanta coisa pra escrever! Como ao menos *começar* a pôr tudo isso no papel sem desvios repressivos, sem se enrolar todo nessas inibições literárias e temores gramaticais...”

“É isso aí, homem, assim que se fala.” E eu podia ver uma espécie de iluminação sagrada transpassando sua inspiração e suas visões, que ele tratava de descrever tão torrencialmente que as pessoas nos ônibus se viravam para ver quem era aquele “maluco superligado”. No Oeste, ele tinha passado um terço de sua vida nas mesas de bilhar, um terço na cadeia e um terço na biblioteca pública. Fora visto correndo com ansiedade por ruas geladas, com a cabeça descoberta, carregando livros em direção ao bilhar ou trepando em

árvores para entrar nos sótãos de seus camaradas, onde passava os dias lendo ou se escondendo da lei.

Fomos a Nova York – as circunstâncias, já esqueci, eram duas garotas negras –, mas não havia garotas lá; tínhamos marcado um encontro para jantar e elas não apareceram. Fomos até o estacionamento, onde Dean tinha algumas coisas a fazer – mudar de roupa no barraco dos fundos e se ajeitar um pouco em frente a um espelho rachado, coisas assim, e logo caímos fora. E foi nessa noite que Dean conheceu Carlo Marx. Algo verdadeiramente extraordinário aconteceu quando Dean conheceu Carlo Marx. Duas cabeças iluminadas como eram, eles se ligaram no ato. Um par de olhos penetrantes relampejou ao cruzar com dois outros olhos penetrantes – o santo vagabundo de mente reluzente e o angustiado poeta vagabundo de mente sombria que é Carlo Marx. Daquele momento em diante quase não vi mais Dean, e fiquei um pouco magoado também.

As energias deles entraram em fusão; comparado a eles, eu não passava de um paspalho, era incapaz de acompanhar aquele ritmo. Começa então o louco redemoinho de tudo o que ainda estava por vir; e ele misturaria todos meus amigos e o pouco que restava da minha família numa gigantesca nuvem de poeira pairando sobre a Noite Americana. Carlo falava a Dean sobre Old Bull Lee, Elmer Hassel e Jane: Lee no Texas plantando maconha, Hassel na ilha de Riker, Jane vagando pela Times Square em plena viagem de benzedrina, com sua bebezinha nos braços e acabando em Bellevue. E Dean falou para Carlo sobre desconhecidos do Oeste como Tommy Snark, o craque manco das mesas de bilhar, viciado no baralho e veado abençoado. Falou também sobre Roy Johnson, Big Ed Dunkel, seus amigos de infância, seus companheiros da rua, suas inumeráveis garotas e orgias e fotos pornográficas, seus heróis, heroínas, aventuras. Eles varavam as ruas juntos absorvendo tudo com aquele jeito que tinham no começo, e que mais tarde se tornaria muito mais melancólico, perceptivo e vazio. Mas nessa época eles dan-